

DIFICULDADES E PERSPECTIVAS DA PRÁTICA DE AGRICULTURA URBANA NO ESTADO DE SÃO PAULO: agricultor de Parelheiros¹

Ernesto Oyama²

30min-39-46²

Meu nome é Ernesto. Venho de uma família de agricultores desde a terceira geração. Meus pais vieram, meus avós, na verdade, (já) vieram do Japão faz mais de 90, 95 anos e a gente sempre viveu de agricultura. No extremo sul de São Paulo, lá em Parelheiros, que sempre fez parte do cinturão verde de São Paulo, de uns 30 a 20 anos para cá, a gente tem sentido que a gente tem sido muito espremido. A especulação imobiliária tem apertado muito a gente. Essa é a Valéria (mostra foto), super-agricultora, ela faz parte da Organização de Controle Social (OCS), do grupo ao qual eu pertença, de agricultores orgânicos. Mais ou menos uns quatro anos atrás, eu tinha acabado de voltar do Japão, eu tinha ficado dez anos lá e tive contato com aquela agricultura Mokiti Okada, aquela agricultura natural. E eu ficava na fábrica, e lá eu ficava pensando “puxa vida, eu venho de uma família de agricultores e por que será que eu não estou vivendo disso”. Eu tinha muita vergonha de falar que tinha vindo de uma família de agricultores, porque tem toda essa coisa que o pai fala “não, meu filho, vai estudar, vai para a cidade”. Então esse tipo de assunto eu escutei muito de meu pai. Mas eu acabei voltando para o Brasil e falei “não, eu quero fazer agricultura, eu quero viver disso”. A gente já viveu disso há muito tempo. Meu pai era feirante e continua trabalhando na feira do Ibirapuera junto comigo e junto com a minha mãe também. E foi nisso que eu resolvi voltar e trabalhar com agricultura. Mas eu ainda não tinha essa visão de agricultura orgânica. Foi que em 2010 veio o pessoalzinho da prefeitura, e estava lá eu trabalhando na roça e tal. A gente trabalhava para ganhar o quê? Uns R\$60-R\$70 por semana. E quando vieram os agrônomos da prefeitura, eles falaram assim “você tem a oportunidade de agregar valor nesse produto que você faz, esse produto que você produz, porque a gente vai mostrar para você o que é a agricultura orgânica daqui para frente. Aí eles foram e eu lá (pensando) “acho que não vale a pena fazer”. Só que acabei conhecendo o Arpad (geógrafo, assessor técnico de uma ONG, em projeto financiado pelo Fundo Especial do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - FEMA), que me convenceu a fazer o curso de Agricultura Orgânica a partir do FEMA, da prefeitura de São Paulo. E fui fazendo esse tipo de curso, e a gente acabou aprendendo a fazer o manejo orgânico. Tivemos um grupo de oito pessoas que fizeram a primeira certificação orgânica. Não foram os primeiros a fazer, a serem certificados no município de São Paulo, mas lá na região de Parelheiros foram os primeiros. E tiveram essa experiência de fazer a certificação participativa, depois veio essa experiência da OCS, da qual eu faço parte. Este grupo (da certificação participativa) tem lá na feira do Ibirapuera uma barraca do mel (a da Ana), inclusive (ela) faz uma tapioca muito gostosa. O caldo de cana também é

¹A transcrição foi realizada por Giulia Giacché e Lya Cynthia Porto de Oliveira. Registrado no CCTC, IE-16/2015.

²(E-mail: controlesocialsp@gmail.com).

muito bom. A Ana do mel vende especiarias, vende manjeriço, essas coisas assim. O outro é o Zundi, que produz principalmente banana.

Então, a OCS foi formada em 2013 por agricultores que queriam fazer um sistema diferente de certificação, diferente do sistema participativo que foi utilizado pelos dois primeiros (Ana e Zundi), diferente dos que se certificaram a partir da Associação Biodinâmica (ABD). Esse tipo de certificação, a OCS, ela é gratuita. Um grupo de agricultores se associa, quer dizer, se associa não, se cadastra no Ministério da Agricultura e lá eles mandam uma declaração que você pode fazer venda direta de produtos orgânicos sem precisar passar pela certificação. Só que para fazer isso você precisa ter um controle social. Você precisa fazer reuniões mensais, chamar os consumidores as pessoas, aquele seu freguês que você atende lá na feira “vem lá no meu sítio, vem participar, vem ver como a gente produz, o que a gente usa, e como se faz o composto, como é um pé de tomate, um pé de beringela, saber de onde está vindo teu alimento. E a OCS tem muito a agradecer aos Hortelões Urbanos por estarem divulgando esse tipo de sistema pela *internet*, de estarem participando muito, de estarem organizando as visitas dos consumidores aos agricultores. Essa é a OCS (mostra foto), turma que eu faço parte. Tem lá o Daniel. O Daniel é um agricultor convencional. Até um ano, até quando a gente montou a OCS, ele era um agricultor convencional que usava ureia, enchia do NPK nas alfacinhas dele. Aí a Valéria falou “você vai fazer a agricultura orgânica agora”. E começou, e agora ele está fazendo agora, a Yara (pesquisadora do Instituto de Economia Agrícola - IEA) foi lá visitar eles. Eles estão fazendo produção paralela. Tem muita coisa ainda para consertar. Mas a gente está levando ele para o caminho certo. Hoje, a OCS e os agricultores de Parelheiros, pelo menos os que conseguiram a certificação, eles participam de feiras livres. Eu por exemplo estou no Parque de Ibirapuera, o Cícero que é o filho da dona Massue está no Parque Burle Marx. Além de agregar valor à produção da gente, a gente conseguiu entender por que é preciso ter esse pensamento de que é preciso preservar o meio ambiente, até porque o lugar onde a gente está é um lugar de produção de água, lá é uma área de manancial também. Então é um lugar onde é muito importante você preservar a água que você usa. Lá se produz muita água também. É isso aí, gente.

Pergunta: E economicamente está melhor?

Ernesto: Economicamente está muito melhor.

Recebido em 08/04/2015. Liberado para publicação em 03/05/2015.